

Auto da Barca do Inferno

Gil Vicente



Biblioteca
Digital

Colecção
CLÁSSICOS
DA LITERATURA
PORTUGUESA

 PORTO
EDITORIA

Introdução

Texto fixado de acordo com a edição prínceps de cerca de 1518, onde é intitulado Auto de Moralidade.

INTRODUÇÃO DE GIL VICENTE

Auto de Moralidade composto por Gil Vicente per contemplação da sereníssima e muito católica rainha dona Lianor, nossa senhora, e representado per seu mandado ao poderoso príncipe e mui alto rei dom Manuel, primeiro de Portugal deste nome.

Começa a declaração e argumento da obra. Primeiramente, no presente auto, se fegura que, no ponto que acabamos de espirar, chegamos supitamente a um rio, o qual per força havemos de passar em um de dous batés que naquele porto estão, *scilicet*, um deles passa pera o Paraíso, e o outro pera o Inferno; os quais batés tem cada um seus arrais na proa: o do Paraíso um Anjo, e o do Inferno um Arrais infernal e um Companheiro.

Cena I

O primeiro entrelocutor é um Fidalgo que chega com um Paje que lhe leva um rabo mui comprido e ùa cadeira d'espaldas. E começa o Arrais do Inferno ante que o Fidalgo venha.

DIABO À barca, à barca, houlá!
que temos gentil maré!
– Ora venha o caro à ré!

COMPANHEIRO Feito, feito!

DIABO Bem está!

5 Vai tu muitieramá,
atesa aquele palanco
e despeja aquele banco
pera a gente que vinrá.

10 À barca, à barca, hu-u!
Asinha, que se quer ir!
Oh! Que tempo de partir,
louvores a Berzebu!
– Ora, sus! Que fazes tu?
Despeja todo esse leito!

15 COMPANHEIRO Em boa hora! Feito, feito!

DIABO Abaxa má-hora esse cu!

Faze aquela poja lesta

COMPANHEIRO e alija aquela driça.
Oh-oh, caça! Oh-oh, iça! iça!
20 DIABO Oh, que caravela esta!
Põe bandeiras, que é festa.
Verga alta! Âncora a pique!
– Ó poderoso dom Anrique,
cá vindes vós? Que cousa é esta?

Cena II

Vem o Fidalgo e, chegando ao batel infernal, diz:

- 25 FIDALGO Esta barca onde vai ora,
que assi está apercebida?
DIABO Vai para a ilha perdida
e há-de partir logo ess'ora.
FIDALGO Pera lá vai a senhora?
30 DIABO Senhor, a vosso serviço.
FIDALGO Parece-me isso cortiço...
DIABO Porque a vedes lá de fora.
- FIDALGO Porém, a que terra passais?
DIABO Pera o Inferno, senhor.
35 FIDALGO Terra é bem sem-sabor.
DIABO Quê? E também cá zombais?
FIDALGO E passageiros achais
pera tal habitação?
DIABO Vejo-vos eu em feição
40 pera ir ao nosso cais...
- FIDALGO Parece-te a ti assi.
DIABO Em que esperas ter guarida?
FIDALGO Que leixo na outra vida
quem reze sempre por mi.
45 DIABO Quem reze sempre por ti!...

Hi hi hi hi hi hi hi hi!
 E tu viveste a teu prazer,
 cuidando cá guarecer
 por que rezem lá por ti?

50 Embarcai! Hou! Embarcai,
 que haveis de ir à derradeira.
 Mandai meter a cadeira,
 que assi passou vosso pai.
 FIDALGO Quê? Quê? Quê? Assi lhe vai?
 55 DIABO Vai ou vem, embarcai prestes!
 Segundo lá escolhestes.
 assi cá vos contentai.

Pois que já a morte passastes.
 havês de passar o rio.
 60 FIDALGO Não há aqui outro navio?
 DIABO Não, senhor, que este fretastes,
 e primeiro que espirastes
 me destes logo sinal.
 FIDALGO Que sinal foi esse tal?
 65 DIABO Do que vós vos contentastes.

FIDALGO A estoutra barca me vou.
 – Hou da barca! Pera onde is?
 Ah, barqueiros! Não me ouvis?
 Respondei-me! Houlá! Hou!
 70 (Par Deos, aviado estou!
 Cant’a isto é já pior...
 Que jiricocins, salvaror!
 Cuidam que sou eu grou?)

ANJO Que querês?
 FIDALGO Que me digais,
 75 pois parti tão sem aviso,
 se a barca do Paraíso
 é esta em que navegais.
 ANJO Esta é; que demandais?
 FIDALGO Que me leixês embarcar.

- 80 Sou fidalgo de solar,
 é bem que me recolhais.
- ANJO Não se embarca tirania
 neste batel divinal.
- FIDALGO Não sei porque haveis por mal
85 que entr'a minha senhoria...
- ANJO Pera vossa fantasia
 mui estreita é esta barca.
- FIDALGO Pera senhor de tal marca
 nom há aqui mais cortesia?
- 90 Venha a prancha e atavio!
 Levai-me desta ribeira!
 ANJO Não vindes vós de maneira
 pera ir neste navio.
 Essoutro vai mais vazio:
- 95 a cadeira entrará
 e o rabo caberá
 e todo vosso senhorio.
- Vós irês mais espaçoso
 com fumosa senhoria,
100 cuidando na tirania
 do pobre povo queixoso;
 e porque, de generoso,
 desprezastes os pequenos,
 achar-vos-ês tanto menos
105 quanto mais fostes fumoso.
- DIABO À barca, à barca, senhores!
 Oh! que maré tão de prata!
 Um vintezinho que mata
 e valentes remadores!
- Diz, cantando:*
- 110 *Vós me veniredes a la mano,
 a la mano me veniredes.*

- FIDALGO Ao Inferno todavia!
 Inferno há i pera mi?
 Ó triste! Enquanto vivi
 115 não cuidei que o i havia.
 Tive que era fantasia;
 folgava ser adorado;
 confiei em meu estado
 e não vi que me perdia.
- 120 Venha essa prancha! Veremos
 esta barca de tristura.
 DIABO Embarqu'a a vossa doçura,
 que cá nos entenderemos...
 Tomarês um par de remos,
 125 veremos como remais,
 e, chegando ao nosso cais,
 todos bem vos serviremos.
- FIDALGO Esperar-me-ês vós aqui,
 tornarei à outra vida
 130 ver minha dama querida
 que se quer matar por mi.
 DIABO Que se quer matar por ti?
 FIDALGO Isso bem certo o sei eu.
 DIABO Ó namorado sandeu,
 135 o maior que nunca vi!
- FIDALGO Como pod'rá isso ser,
 que m'escrevia mil dias?
 DIABO Quantas mentiras que lias
 e tu... morto de prazer!
 140 FIDALGO Pera que é escarnecer,
 que nom havia mais no bem?
 DIABO Assi vivas tu, amen,
 como te tinha querer!
- FIDALGO Isto quanto ao que eu conheço...
 145 DIABO Pois estando tu espirando,
 se estava ela requebrando
 com outro de menos preço.

FIDALGO Dá-me licença, te peço,
que vá ver minha mulher.
150 DIABO E ela, por não te ver,
despenhar-se-á dum cabeçaço.

 Quanto ela hoje rezou,
 antre seus gritos e gritas,
 foi dar graças infinitas
155 a quem a desassombrou.
FIDALGO Cant'ela, bem chorou!
DIABO Nom há i choro de alegria?
FIDALGO E as lágrimas que dezia?
DIABO Sua mãe lhas ensinou.

160 Ora, entrai! Entrai! Entrai!
 Ei-la prancha! Ponde o pé...
FIDALGO Entremos, pois que assi é.
DIABO Ora, senhor, descansai,
 passeai e suspirai.
165 Entanto vinrá mais gente.
FIDALGO Ó barca, como és ardente!
 Maldito quem em ti vai!

Diz o Diabo ao moço da cadeira:

DIABO Não entras cá! Vai-te d'i!
 A cadeira é cá sobeja:
170 cousa qu'esteve na igreja
 não se há-de embarcar aqui.
 Cá lha darão de marfim,
 marchetada de dolores,
 com tais modos de lavores,
175 que estará fora de si...

 À barca, à barca bõa gente,
 que queremos dar à vela!
 Chegar a ela! Chegar a ela!
 Muitos e de boa mente!
180 Oh! que barca tão valente!

Cena III

Vem um Onzeneiro, e pergunta ao Arrais do Inferno, dizendo:

ONZENEIRO Pera onde caminhais?
DIABO Oh! Que má-hora venhais,
 onzeneiro, meu parente!

 Como tardastes vós tanto?
185 ONZENEIRO Mais quisera eu lá tardar...
 Na safra de apanhar
 me deu Saturno quebranto.
 DIABO Ora mui muito m'espanto
 nom vos livrar o dinheiro!
190 ONZENEIRO Solamente pera o barqueiro
 nom me leixaram nem tanto...

 DIABO Ora entrai, entrai aqui!
 ONZENEIRO Não hei eu i d'embarcar!
 DIABO Oh! Que gentil recear,
195 e que cousas pera mi!
 ONZENEIRO Ainda agora faleci,
 leixa-me buscar batel!
 Pesar de São Pimentel,
 Nunca tanta pressa vi!

200 Pera onde é a viagem?

DIABO Pera onde tu hás-de ir.
ONZENEIRO Havemos logo de partir?
DIABO Não cures de mais linguagem.
ONZENEIRO Pera onde é a passagem?
205 DIABO Pera a infernal comarca.
ONZENEIRO Dix! Não vou eu em tal barca.
Estoutra tem vantagemem.

Vai-se à barca do Anjo e diz:

ONZENEIRO Hou da barca! Houlá! Hou!
Havês logo de partir ?
210 ANJO E onde queres tu ir ?

ONZENEIRO Eu pera o Paraíso vou.

ANJO Pois cant'eu mui fora estou
de te levar para lá.
Essa barca que lá está
215 vai pera quem te enganou.

ONZENEIRO Porquê?
ANJO Porque esse bolsão
tomara todo o navio.

ONZENEIRO Juro a Deos que vai vazio!
ANJO Não já no teu coração.
220 ONZENEIRO Lá me fica de rodão
minha fazenda e alhea.
ANJO Ó onzena, como es fea
e filha de maldição!

Torna o Onzeneiro à barca do Inferno e diz:

ONZENEIRO Houlá! Hou demo barqueiro!
225 Sabês vós no que me fundo?
Quero lá tornar ao mundo
e trarei o meu dinheiro.
Aqueloutro marinheiro,

Cena IV

Vem Joane, o Parvo, e diz ao Arrais do Inferno:

JOANE Hou daquesta!
DIABO Quem é?
JOANE Eu sô.
 É esta a naviarra nossa?
250 DIABO De quem?
JOANE Dos tolos.
DIABO Vossa.
 Entra!
JOANE De pulo ou de voo?
 Hou! Pesar de meu avô!
 Soma: vim adoecer
 e fui má-hora a morrer,
255 e nela pera mi só.
 De que morreste?
DIABO De quê?
JOANE Samicas de caganeira.
 De quê ?
DIABO De cagamerdeira.
 má ravugem que te dê!
260 DIABO Entra! Põe aqui o pé!
JOANE Houlá! Num tombe o zambuco!
DIABO Entra, tolaço enuco,

que se nos vai a maré!

JOANE Aguardai, aguardai, houlá!
 265 E onde havemos nós d'ir ter?
 DIABO Ao porto de Lucifer.
 JOANE Ha-a-a...
 DIABO Ó Inferno! Entra cá!
 JOANE Ó Inferno? Eramá!
 270 Hiu! Hiu! Barca do cornudo.
 Pero Vinagre, beçudo,
 rachador d'Alverca, huhá!

 Sapateiro da Candosa!
 Antrecosto de carrapato!
 275 Hiu! Hiu! Caga no sapato,
 filho da grande aleivosa!
 Tua mulher é tinhosa
 e há-de parir um sapo
 chentado no guardenapo!
 Neto de cagarrinhosa!

 280 Furta-cebola! Hiu! Hiu!
 Escomungado nas erguejas!
 Burrela, cornudo sejas!
 Toma o pão que te caiu!
 285 A mulher que te fugiu
 per'a Ilha da Madeira!
 Cornudo até mangueira,
 toma o pão que te caiu!

 Hiu! Hiu! Lanço-te ùa pulha!
 Dê-dê! Pica nàquela!
 290 Hump! Hump! Caga na vela!
 Hio, cabeça de grulha!
 Perna de cigarra velha,
 caganita de coelha,
 pelourinho de Pampulha!
 295 Mija n'agulha, mija n'agulha!

Chega o Parvo ao batel do Anjo, e diz:

JOANE

Hou da barca!

ANJO

Que me queres?

JOANE

Queres-me passar além?

ANJO

Quem és tu?

JOANE

Samica alguém.

ANJO

Tu passarás, se quiseres;

300

porque em todos teus fazeres

per malícia nom erraste.

Tua simpreza t'abaste

pera gozar dos prazeres.

305

Espera entanto per i;

veremos se vem alguém

merecedor de tal bem

que deva de entrar aqui.

Cena V

Vem um Sapateiro com um avantal, e carregado de formas, e chega ao batel infernal, e diz:

	SAPATEIRO	Hou da barca!
	DIABO	Quem vem i?
		Santo sapateiro honrado!
310		Como vens tão carregado?
	SAPATEIRO	Mandaram-me vir assi...
		E pera onde é a viagem?
	DIABO	Pera o lago dos danados
	SAPATEIRO	Os que morrem confessados,
315		onde têm sua passagem?
	DIABO	Nom cures de mais linguagem!
		Esta é tua barca, esta!
	SAPATEIRO	Arrenegaria eu da festa
		e da puta da barcagem!
320		Como poderá isso ser,
		confessado e comungado?
	DIABO	E tu morreste escomungado:
		nom o quiseste dizer.
		Esperavas de viver;
325		calaste dous mil enganos.
		Tu roubaste bem trint'anos

o povo com teu mester.

330 SAPATEIRO Embarca, eramá pera ti,
 que há já muito que t'espero!
 DIABO Pois digo-te que nom quero!
 SAPATEIRO Que te pês de ir, si, si!
 Quantas missas eu ouvi,
 nom me hão elas de prestar?
 DIABO Ouvir missa, então roubar –
 335 é caminho per'aqui.

 SAPATEIRO E as ofertas, que darão?
 E as horas dos finados?
 DIABO E os dinheiros mal levados,
 que foi da satisfação?
 340 SAPATEIRO Ah! Não praza ò cordovão,
 nem à puta da badana,
 se é esta boa traquitana
 em que se vê Joanantão!

Ora juro a Deus que é graça!

Vai-se à barca do Anjo, e diz:

345 Hou da santa caravela,
 poderês levar-me nela?
 ANJO A carga t'embaraça.
 SAPATEIRO Nom há mercê que me Deos faça?
 Isto uxiquer irá.
 350 ANJO Essa barca que lá está
 leva quem rouba de praça

 SAPATEIRO Oh almas embaraçadas!
 Ora eu me maravilho
 355 haverdes por grão peguilho
 quatro forminhas cagadas
 que podem bem ir i chantadas
 num cantinho desse leito!
 ANJO Se tu viveras dereito,

elas foram cá escusadas.

360 SAPATEIRO

Assi que determinais
que vá cozer ò Inferno?

ANJO

Escrito estás no caderno
das ementas infernais.

Torna-se à barca dos danados, e diz:

365 SAPATEIRO

Hou barqueiros! Que aguardais?
Vamos, venha a prancha logo
e levai-me àquele fogo!
Não nos detenhamos mais!

Cena VI

Vem um Frade com ãa Moça pela mão, e um broquel e ãa espada na outra, e um casco debaixo do capelo; e, ele mesmo fazendo a baixa, começou de dançar, dizendo:

	FRADE	Tai-rai-rai-ra-rão, ta-ri-ri-rão, Ta-rai-rai-rai-rão, tai-ri-ri-rão, tão-tão; ta-ri-rim-rim-rão Huha!
370	DIABO	Que é isso, padre? Que vai lá?
	FRADE	<i>Deo gratias!</i> Sou cortesão.
	DIABO	Sabês também o tordião?
	FRADE	Porque não? Como ora sei!
375	DIABO	Pois, entrai! Eu tangerei e faremos um serão.

	FRADE	Essa dama, é ela vossa? Por minha la tenho eu, e sempre a tive de meu.
380	DIABO	Fezeste bem, que é fermosa! E não vos punham lá grossa no vosso convento santo?
	FRADE	E eles fazem outro tanto!
	DIABO	Que cousa tão preciosa!

385	FRADE	Entraí, padre reverendo! Para onde levais gente?
-----	-------	---

DIABO Pera aquele fogo ardente
que nom temestes vivendo.

390 FRADE Juro a Deos que nom t'entendo!
E est'hábito no me val?

DIABO Gentil padre mundanal,
a Berzabu vos encomendo!

FRADE Ah, Corpo de Deos consagrado!
Pela fé de Jesu Cristo,
395 que eu nom posso entender isto!
Eu hei-de ser condenado?
Um padre tão namorado
e tanto dado a virtude?
400 Assi Deos me dê saúde,
que eu estou maravilhado!

DIABO Não curês de mais detença.
Embarcai e partiremos:
tomarês um par de remos.

FRADE Não ficou isso n'avença.

405 DIABO Pois dada está já a sentença!
FRADE Par Deos! Essa seri'ela!
Não vai em tal caravela
minha senhora Florença.

410 Como? Por ser namorado
e folgar com uma mulher
se há um frade de perder,
com tanto salmo rezado?

DIABO Ora estás bem aviado!

FRADE Mais estás bem corregido!

415 DIABO Devoto padre marido,
havês de ser cá pingado...

Descobrio o Frade a cabeça, tirando o capelo, e apareceo o casco, e diz o Frade:

FRADE Mantenha Deos esta coroa!

DIABO Ó padre Frei Capacete!

420 FRADE Cuidei que tínheis barrete!
 Sabê que fui da pessoa!
 Esta espada é roloa
 e este broquel rolão.
 Dê Vossa Reverência lição
 d'esgrima, que é cousa boa!

Começou o Frade a dar lição d'esgrima com a espada e broquel, que eram d'esgrimir, e diz desta maneira:

425 FRADE *Deo gratias!* Dêmos caçada!
 Pera sempre contra sus!
 Um fendente! Ora sus!
 Esta é a primeira levada.
 Alto! Levantai a espada!
 430 Talho largo, e um revés!
 E logo colher os pés,
 que todo o al no é nada.

 Quando o recolher se tarda
 o ferir nom é prudente.
 435 Ora, sus! Mui largamente,
 cortai na segunda guarda!
 – Guarde-me Deos d'espingarda
 mais de homem denodado.
 Aqui estou tão bem guardado
 440 como a palha n'albarda,

 Saio com meia espada...
 Houlá! Guardai as queixadas!
 Ó que valentes levadas!
 Ainda isto nom é nada...
 445 Dêmos outra vez caçada!
 Contra sus e um fendente.
 e cortando largamente,
 eis aqui seista feitada.

 Daqui saio com uma guia
 450 e um revés da primeira:

esta é quinta verdadeira.
– Oh! Quantos d’aqui feria!
Padre que tal aprendia
no Inferno há-de haver pingos?
455 Ah! nom praza a São Domingos
com tanta descortesia!

Tornou a tomar a Moça pela mão, dizendo:

FRADE Vamos à barca da Glória!

*Começou o Frade a fazer o tordião e foram dançando até o
batel do Anjo desta maneira:*

FRADE Ta-ra-ra-rai-rão; ta-ri-ri-ri-ri-rão;
460 Tai-rai-rão; ta-ri-ri-rão; ta-ri-ri-rão.
Huhá!

*Deo gratias! Há lugar cá
pera minha reverença?
E a senhora Florença
polo meu entrará lá!
465 JOANE Andar, muitieramá!
Furtaste o trinchão, frade?
FRADE Senhora, dá-me a vontade
que este feito mal está.*

470 Vamos onde havemos d’ir,
não praza a Deos com a ribeira!
Eu não vejo aqui maneira
senão enfim... concrudir.
DIABO Haveis, padre, de viir.
FRADE Agasalhai-me lá Florença,
475 e compra-se esta sentença
e ordenemos de partir.

Cena VII

Tanto que o Frade foi embarcado, veo ãa Alcouveteira, per nome Brísida Vaz, a qual, chegando à barca infernal, diz desta maneira:

	BRÍSIDA	Houlá da barca, houlá!
	DIABO	Quem chama?
	BRÍSIDA	Brísida Vaz.
	DIABO	E aguarda-me, rapaz?
480	COMPANHEIRO	Como nom vem ela já?
		Diz que nom há-de vir cá sem Joana de Valdês.
	DIABO	Entraí vós, e remarês.
	BRÍSIDA	Nom quero eu entrar lá.
485	DIABO	Que sabroso arrecear!
	BRÍSIDA	No é essa barca que eu cato.
	DIABO	E trazês vós muito fato?
	BRÍSIDA	O que me convém levar.
	DIABO	Que é o qu'havês d'embarcar?
490	BRÍSIDA	Seiscentos virgos postiços e três arcas de feitiços que nom podem mais levar.
		Três almários de mentir, e cinco cofres de enleos,

495 e alguns furtos alheos,
 assi em jóias de vestir,
 guarda-roupa d'encobrir,
 enfim – casa movediça;
 500 um estrado de cortiça
 com dous coxins d'encobrir.

A mor cárrega que é:
 essas moças que vendia:
 Daquesta mercadoria
 trago eu muita, bofé!
 505 DIABO Ora ponde aqui o pé...
 BRÍSIDA Hui! E eu vou pera o Paraíso!
 DIABO E quem te dixeu a ti isso?
 BRÍSIDA Lá hei-de ir desta maré.

Eu sô ãa mártela tal,
 510 açoutes tenho levados
 e tormentos soportados
 que ninguém me foi igual.
 Se fosse ò fogo infernal,
 lá iria todo o mundo!
 515 A estoutra barca, cá fundo
 me vou, que é mais real.

Barqueiro mano, meu olhos,
 prancha a Brísida Vaz!
 520 ANJO Eu não sei quem te cá traz...
 BRÍSIDA Peço-vo-lo de gíolhos!
 Cuidais que trago piolhos,
 anjo de Deos, minha rosa?
 Eu sô aquela preciosa
 que dava as moças a molhos,

525 a que criava as meninas
 pera os cónegos da Sé...
 Passai-me, por vossa fé,
 meu amor, minhas boninas,
 olho de perlinhas finas!

530 E eu sou apostolada,
angelada a martelada,
e fiz cousas mui divinas.

Santa Úrsula nom converteo
tantas cachopas como eu:
535 todas salvas polo meu,
que nenhũa se perdeo.
E prouve Àquele do Céu
que todas acharam dono.
Cuidais que dormia sono?
540 Nem ponto se me perdeo!

ANJO Ora vai lá embarcar,
não estês emportunando.
BRÍSIDA Pois estou-vos eu contando
o porque me havês de levar.
545 ANJO Não cures de emportunar,
que nom podes ir aqui.
BRÍSIDA E que má-hora eu servi,
pois não m'há-de aproveitar!

Torna-se Brísida Vaz à barca do Inferno, dizendo:

550 Hou barqueiros da má-hora,
que é da prancha, que eis me vou?
E há já muito que aqui estou,
e pareço mal cá de fora.
DIABO Ora entrai, minha senhora,
e serês bem recebida;
555 se vivestes santa vida,
vós o sentirês agora.

Cena VIII

Tanto que Brísida Vaz se embarcou, veio um Judeu, com um bode às costas; e, chegando ao batel dos danados, diz:

	JUDEU	Que vai cá? Hou marinheiro!
	DIABO	Que má-hora vieste!
	JUDEU	Cuj'é esta barca que preste?
560	DIABO	Esta barca é do barqueiro.
	JUDEU	Passai-me por meu dinheiro.
	DIABO	E o bode há cá de vir?
	JUDEU	Pois também o bode há-de ir.
	DIABO	Que escusado passageiro!
565	JUDEU	Sem bode, como irei lá?
	DIABO	Nem eu nom passo cabrões.
	JUDEU	Eis aqui quatro testões e mais se vos pagará. Por vida do Semifará
570		que me passeis o cabrão!
		Querês mais outro testão?
	DIABO	Nenhum bode há-de vir cá.
	JUDEU	Porque nom irá o judeu onde vai Brísida Vaz?
575		Ao senhor meirinho apraz? Senhor meirinho, irei eu?

DIABO
JUDEU
580 E ò fidalgo, quem lhe deu...
O mando, dizês, do batel?
Corregedor, coronel,
castigai este sandeu!

585 Azará, pedra miúda,
lodo, chanto, fogo, lenha,
caganeira que te venha!
Má corrença que te acuda!
Par el Deu, que te sacuda
co'a beca nos focinhos!
Fazes burla dos meirinhos?
Dize, filho da cornuda!

590 JOANE Furtaste a chiba, cabrão?
Parecês-me vós a mim
gafanhoto d'Almeirim
chacinado em um seirão.

595 DIABO Judeu, lá te passarão
porque vão mais despejados.
JOANE E ele mijou nos finados
n'ergueja de São Gião!

600 DIABO E comia a carne da panela
no dia de Nosso Senhor!
E aperta o salvanor,
e mija na caravela!
Sus, sus! Dêmos à vela!
Vós, judeu, irês à toa.
que sois mui ruim pessoa.
Levai o cabrão na trela!

Cena IX

Vem um Corregedor, carregado de feitos, e, chegando à barca do Inferno, com sua vara na mão, diz:

605	CORREGEDOR	Hou da barca!
	DIABO	Que querês?
	CORREGEDOR	Está aqui o senhor juiz?
	DIABO	Oh amador de perdiz, gentil carga trazês!
	CORREGEDOR	No meu ar conhecerês
610		que nom é ela do meu jeito.
	DIABO	Como vai lá o direito?
	CORREGEDOR	Nestes feitos o verês.
	DIABO	Ora, pois, entrai. Veremos que diz i nesse papel...
615	CORREGEDOR	E onde vai o batel?
	DIABO	No Inferno vos poeremos.
	CORREGEDOR	Como? À terra dos demos há-de ir um corregedor?
	DIABO	Santo descorregedor, embarcai, e remaremos!
620		
		Ora, entrai, pois que viestes!
	CORREGEDOR	Nom é de <i>regulæ juris</i> , não!
	DIABO	<i>Ita, ita!</i> Dai cá a mão!

- 625 Remareis um remo destes.
Fazê conta que nacestes
pera nosso companheiro.
– Que fazes tu, barzoneiro?
Faze-lhe essa prancha prestes!
- CORREGEDOR Oh! renego da viagem
630 e de quem m'há-de levar!
Há'qui meirinho do mar?
DIABO Não há cá tal costumagem.
CORREGEDOR Nom entendo esta barcagem,
nem *hoc non potest esse*.
- 635 DIABO Se ora vos parecesse
que nom sei mais que linguagem...
- CORREGEDOR Entrai, entrai, corregedor!
Hou! *Videtis qui petatis !*
Super jure majestatis
640 tem vosso mando vigor?
DIABO Quando éreis ouvidor
nonne accepistis rapina?
Pois irês pela bolina
onde nossa mercê fôr...
- 645 Oh! Que isca esse papel
pera um fogo que eu sei!
CORREGEDOR *Domine, memento mei!*
DIABO *Non es tempus, bacharel!*
Imbarquemini in batel
650 *quia judicastis malitia.*
CORREGEDOR *Semper ego justitia*
fecit bem per nivel.
- DIABO E as peitas dos judeus
que vossa mulher levava?
655 CORREGEDOR Isso eu não o tomava,
eram lá percalços seus.
Nom som *peccatus meus,*
peccavit uxore mea.

660 DIABO *Et vobis quoque cum ea,*
não teimuiſtis Deus.

665 CORREGEDOR *A largo modo adqueriſtis*
sanguinis laboratorum,
ignorantes peccatorum.
Ut quid eos non audistiſ?
Vós, arrais, *nonne legistiſ*
que dar quebra os pinedos?
Os dereitos estão quedos,
sed aliquid tradidistiſ...

670 DIABO Ora entrai nos negros fados!
Irês ao lago dos cães
e verês os eſcrivães
coma estão tão prosperados.

CORREGEDOR E na terra dos danados
estão os evangelistas?
675 DIABO Os mestres das burlas vistas
lá estão bem fraguados.

Cena X

Estando o Corregedor nesta prática com o Arrais infernal, chegou um Procurador, carregado de livros, e diz o Corregedor ao Procurador:

	CORREGEDOR	Ó senhor Procurador!
	PROCURADOR	Bejo-vo-las mãos, Juiz!
		Que diz esse arrais? Que diz?
680	DIABO	Que serês bom remador.
		Entrai, bacharel doutor,
		e irês dando na bomba.
	PROCURADOR	E este barqueiro zomba.
		Jogatais de zombador?
685		Essa gente que aí está,
		pera onde a levais?
	DIABO	Pera as penas infernais.
	PROCURADOR	Dix! Nom vou eu pera lá!
		Outro navio está cá,
690		muito melhor assombrado.
	DIABO	Ora estás bem aviado!
		Entra, muitieramá!
	CORREGEDOR	Confessaste-vos doutor?
	PROCURADOR	Bacharel sou... Dou-me ò demo!
695		Não cuidei que era extremo,

700 CORREGEDOR nem de morte minha dor.
 E vós, senhor Corregedor?
 Eu mui bem me confessei,
 mais tudo quanto roubei
 encobri ao confessor...

705 PROCURADOR Porque, se o nom tornais,
 não vos querem absolver,
 e é muito mau de volver
 depois que o apanhais.
 DIABO Pois porque nom embarcais?
 PROCURADOR *Quia speramus in Deo.*
 DIABO *Imbarquimini in barco meo...*
 Pera que *esperatis* mais?

Vão-se ambos ao batel da Glória, e, chegando, diz o Corregedor ao Anjo:

710 CORREGEDOR Ó arrais dos gloriosos,
 passai-nos neste batel!
 ANJO Oh! Pragas pera papel,
 pera as almas odiosos!
 Como vindes preciosos,
 sendo filhos da ciência!
 715 CORREGEDOR Oh! *habeatis* clemência
 e passai-nos como vossos!

720 JOANE Hou, homens dos briviairos,
rapinastis coelhorum
et pernīs perdigitorum
 e mijais nos campanairos!
 CORREGEDOR Oh! Não nos sejais contrários,
 pois nom temos outra ponte!
 JOANE *Beleguinis ubi sunt?*
Ego latinus macairos.

725 ANJO A justiça divinal
 vos manda vir carregados
 porque vades embarcados

730 CORREGEDOR neste batel infernal.
 Oh, nom praza a São Marçal
 com a ribeira, nem com o rio!
 Cuidam lá que é desvario
 haver cá tamanho mal.

735 PROCURADOR Que ribeira é esta tal!
 JOANE Parecês-me vós a mi
 como cagado nebri,
 mandado no Sardeal.
Embarquetis in zambuquis!

CORREGEDOR Venha a negra prancha cá!
 Vamos ver este segredo.
 740 PROCURADOR Diz um texto do Degredo...
 DIABO Entrai, que cá se dirá!

E tanto que foram dentro no batel dos condenados, disse o Corregedor a Brísida Vaz, porque a conhecia:

CORREGEDOR Oh! Estês muitieramá
 senhora Brísida Vaz!
 BRÍSIDA Já siquer estou em paz,
 745 que não me leixáveis lá.

CORREGEDOR Cada hora sentenciada:
 “Justiça que manda fazer...”
 E vós... tornar a tecer
 e urdir outra meada.
 750 BRÍSIDA Dizede, juiz d’alçada:
 vem lá Pero de Lixbõa?
 Levá-lo-emos à toa
 e irá nesta barcada.

Cena XI

Vem um homem que morreo enforcado, e, chegando ao batel dos mal-aventurados, disse o Arrais, tanto que chegou:

DIABO	Venhais embora, enforcado!
755	Que diz lá Garcia Moniz?
ENFORCADO	Eu te direi que ele diz:
	que fui bem-aventurado
	em morrer dependurado
	como o tordo na buiz,
760	e diz que os feitos que eu fiz
	me fazem canonizado.
DIABO	Entra cá, governarás
	atá as portas do Inferno.
ENFORCADO	Nom é'ssa a nao que eu governo.
765	DIABO Mando-t'eu que aqui irás.
ENFORCADO	Oh! Nom praza a Barrabás!
	Se Garcia Moniz diz
	que os que morrem como eu fiz
	são livres de Satanás...
770	E disse-me que a Deos prouvera
	que for a ele o enforcado;
	e que fosse Deos louvado
	que em bo'hora eu cá nacera;

775 e que o Senhor m'escolhera
e por bem vi beleguins;
E com isto mil latins
mui lindos, feitos de cera.

780 E no passo derradeiro
me disse nos meus ouvidos
que o lugar dos escolhidos
era a forca e o Limoeiro;
nem guardião do moesteiro
nom tinha tão santa gente
785 como Afonso Valente,
que é agora carcereiro.

DIABO Dava-te consolação
ENFORCADO isso, ou algum esforço?
Com o baraço no pescoço
790 mui mal presta a pregação...
E ele leva a devação,
que há-de tornar a jentar...
Mas quem há-de estar no ar
avorrece-lh'o o sermão.

DIABO Entra, entra no batel,
795 que ao Inferno hás-de ir!
ENFORCADO O Moniz há-de mentir?
Disse-me que com São Miguel
jentaria pão e mel
tanto que fosse enforcado.
800 Ora, já passei meu fado,
e já feito é o burel.

805 Agora não sei que é isso.
Não me falou em ribeira,
nem barqueiro, nem barqueira,
senão – logo ò Paraíso.
Isto muito em seu siso.
E era santo o meu baraço...
Eu não sei que aqui faço:

que é desta glória emproviso?

810 DIABO
ENFORCADO

Falou-te no Purgatório?
Disse que era o Limoeiro,
e ora por ele o salteiro
e o pregão vitatório;
e que era mui notório
815 que aqueles deciprinados
eram horas dos finados
e missas de São Gregório.

815

DIABO

Quero-te desenganar:
se o que disse tomaras,
certo é que te salvaras.
820 Não o quiseste tomar...
– Alto! Todos a tirar,
que está em seco o batel!
– Saí vós, Frei Babriel!
825 Ajudai ali a botar!

820

825

Cena XII

Vêm quatro Cavaleiros cantando, os quais trazem cada um a Cruz de Cristo, pelo qual Senhor e acrecentamento de Sua santa fé católica morreram em poder dos mouros. Absoltos a culpa e pena per privilégio que os que assi morrem têm dos mistérios da Paixão d'Aquele por Quem padecem, outorgados por todos os Presidentes Sumos Pontífices da Madre Santa Igreja. E a cantiga que assi cantavam, quanto a palavra dela, é a seguinte:

CAVALEIROS

À barca, à barca segura,
barca bem guarnecida,
à barca, à barca da vida!

830

Senhores que trabalhais
pola vida transitória,
memória, por Deos, memória
deste temeroso cais!

835

À barca, à barca, mortais,
barca bem guarnecida,
à barca, à barca da vida!

840

Vigiai-vos, pecadores,
que, depois da sepultura,
neste rio está a ventura
de prazeres ou dolores!
À barca, à barca, senhores,

barca mui nobrecida,
à barca, à barca da vida!

E passando per diante da proa do batel dos danados assi cantando, com suas espadas e escudos, disse o Arrais da perdição desta maneira:

	DIABO	Cavaleiros, vós passais e nom preguntais onde is?
845	1.º CAVAL.	Vós, Satanás, presumis? Atentais com quem falais!
	2.º CAVAL.	Vós que nos demandais? Siquer conhecê-nos bem.
850		Morrems nas Partes d'Além, e não queirais saber mais

	DIABO	Entraí cá! Que cousa é essa? Eu nom posso entender isto!
	CAVALEIROS	Quem morre por Jesu Cristo não vai em tal barca como essa!

Tornam a prosseguir, cantando, seu caminho direito à barca da Glória, e, tanto que chegam, diz o Anjo:

855	ANJO	Ó cavaleiros de Deos, a vós estou esperando, que morrestes pelejando por Cristo, Senhor dos céos!
860		Sois livres de todo o mal, mártires da Madre Igreja, que quem morre em tal peleja merece paz eternal.

E assi embarcam.